

Via Atlântica

USP UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Sedi Hirano

Vice-Diretora: Eni de Mesquita Samara

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Chefe do Departamento: Benjamin Abdala Junior

Vice-Chefe: Maria Vicentina P. do Amaral Dick

ÁREA DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenador: Benjamin Abdala Junior

Vice-Coordenadora: Rita de Cássia Natal Chaves

Via Atlântica / Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – n. 5 (2002) – São Paulo : Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos, 2002.

ISSN 1516-5159

1. Língua portuguesa 2. Literatura de expressão portuguesa 3. Literatura comparada I. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos.

CDD-469

869

Via Atlântica

Publicação da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

n. 5 São Paulo 2002

<i>Editores</i>	Benjamin Abdala Junior Elza Miné Nádia Battella Gotlib Rita Chaves
<i>Conselho Editorial</i>	Ana Paula Ferreira Benjamin Abdala Junior Carlos Reis Elza Miné Isabel Pires de Lima João Alexandre Barbosa Maria Aparecida de C. Brando Santilli Nádia Battella Gotlib Rita Chaves Tania Macêdo
<i>Conselho Consultivo</i>	Antonio Dimas Benilde Justo Lacorte Caniato Cleonice Berardinelli David Jackson (EUA) E. M. de Melo e Castro Ettore Finazzi-Agrò (Itália) Fátima Mendonça (Moçambique) Fernando Martinho (Universidade de Lisboa) Hélder Garmes Helder Macedo (Inglaterra) João Adolfo Hansen Jorge Fernandes da Silveira Laura Cavalcante Padilha Lélia Parreira Duarte Maria dos Prazeres Mendes Maria Helena Nery Garcez Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes Maria Luiza Ritzel Remédios Marisa Lajolo Nelly Novaes Coelho Pepetela (Angola) Ria Lemaire (França) Rita de Cássia Natal Chaves Roberto de Oliveira Brandão Sandra Nitrini Suely Fadul Villibor Flory Tania Celestino de Macedo Vilma Areas
<i>Preparação de Originais :</i>	Marina Ruivo
<i>Revisão:</i>	Marina Ruivo e Vima Lia de Rossi Martin
<i>Assessoria:</i>	Creusa Ribeiro de Lima e Márcia Cristina de Souza Bicudo
<i>Editoração Eletrônica:</i>	Lato Senso – Bureau de Editoração
<i>Capa:</i>	Colagem a partir da ilustração <i>Mameluca</i> , Albert Eckhout
<i>Impressão e Acabamento:</i>	Editora e Gráfica Vida & Consciência

Endereço para correspondência:
Rua do Lago, 717 – São Paulo – SP – CEP 05508-900
Fone: (011) 211-4214 – e-mail: cep@trex.uspnet.usp.br

Via Atlântica, n. 5, 2002
Esta publicação conta com auxílio financeiro da CAPES

sumário

Editorial	7
-----------------	---

DOSSIÊ – JOSÉ CRAVEIRINHA

José Craveirinha: nota biobibliográfica	14
A fraternidade das palavras	
<i>Ana Mafalda Leite</i>	20
António Jacinto, José Craveirinha, Solano Trindade – O sonho (diurno) de uma poética popular	
<i>Benjamin Abdala Junior</i>	30
A apoteose da palavra e do canto: a dimensão “neobarroca” da poética de José Craveirinha	
<i>Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco</i>	40
O conceito de nação em José Craveirinha, Rui Knopfli e Sérgio Vieira	
<i>Fátima Mendonça</i>	52
José Craveirinha: para além da utopia	
<i>Francisco Noa</i>	68
José Craveirinha “Impoética Poesia”	
<i>Jorge Fernandes da Silveira</i>	78
Sobre a poesia de José Craveirinha	
<i>Rui Baltazar</i>	88
CRAVEIRINHA em poesia: seleção de poemas do autor	108

OUTROS ENSAIOS

Língua portuguesa e línguas crioulas nos países africanos	
<i>Benilde Justo Caniato</i>	128

Lisboa Reinventada n' <i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i>	
<i>Izabel Margato</i>	140
Desvelando as malhas da escrita: entre o mito e a realidade	
<i>Maria Heloísa Martins Dias</i>	152
Até as Mãos Sangrarem...: a oscilante identidade discursiva	
de <i>O complexo de Van Gogh</i>	
<i>Mirella Márcia Longo</i>	162

RESENHAS

<i>Um baú cheio de Pessoas – Escritos sobre Fernando Pessoa</i> de Antonio Tabucchi	
<i>Aurora Bernardini</i>	174
<i>O pensamento mestiço e uma poética da mestiçagem</i>	
<i>Hélder Garmes</i>	182
<i>A Caverna</i> , de José Saramago	
<i>Horácio Costa</i>	186
<i>Viagem à luta armada: entre a ficção e a história</i>	
<i>Marina Ruivo</i>	190
<i>Eça de Queirós, Textos de Imprensa IV</i>	
<i>Helena Carvalhão Buescu</i>	198

PROJETOS DA ÁREA DE ECLLP/USP

<i>Projetos de alunos</i>	203
<i>Projetos de professores</i>	229

editorial

Fiel ao projeto a que está vinculada, a *Revista Via Atlântica*, em seu quinto número, cumpre o objetivo de veicular textos que integram o repertório de conhecimentos produzido no universo cultural dos países de língua oficial portuguesa.

O dossiê está centrado na obra de José Craveirinha, um dos mais conhecidos poetas moçambicanos, que completou 80 anos em maio último. Nesta seção, estudiosos do Brasil, de Moçambique e de Portugal apresentam artigos empenhados em explorar relevantes aspectos da sua vasta e vigorosa obra, e o resultado é a confirmação, uma vez mais, do significado de uma poética que sabe articular a dimensão estética da literatura com um projeto ético que se destaca pela firmeza.

Além de exprimir a convicção de que essa data especial pode e deve motivar uma homenagem a quem já teve o seu trabalho reconhecido de tantas formas, a decisão de reunir um conjunto de textos sobre José Craveirinha manifesta a preocupação de assegurar um espaço considerável à produção literária africana. Associado ao dossiê África, editado em nosso número 3, o dossiê José Craveirinha deve ser visto também como um esforço para tirar as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa do terreno das “ignoradas”, como apontava Manuel Ferreira.

Essa seleção de textos que o leitor vai encontrar aqui não se caracteriza pelo ineditismo. Ao lado daqueles só agora apresentados ao público, situam-se alguns escritos ao longo da carreira do poeta homenageado. Duas razões nos levaram a optar por essa incorporação diacrônica: por um lado oferecemos aos leitores, e em especial aos estudiosos da Literatura Moçambicana no Brasil, a possibilidade de entrar em contato com textos que até o momento não circularam entre nós; por outro lado, pode-se captar a importância da obra de

Craveirinha ao longo dos anos e as perspectivas de abordagem que, em sua trajetória, essa poética vem suscitando.

O dossiê é aberto por um texto curto que cumpre apenas a tarefa de apresentar o poeta, cujo perfil será delineado pelos artigos a seguir. Preparado por Nataniel Ngomane, temos o registro de alguns dados biográficos e notas referentes à bibliografia do escritor em foco.

Ana Mafalda Leite, uma das maiores conhecedoras da poesia moçambicana e autora de uma tese de doutoramento a respeito do poeta, para nomear seu texto escolhe o título de um poema de Craveirinha. E em “A fraternidade das palavras”, ela oferece-nos mais que um trabalho sobre sua escrita ao pinçar aspectos da vida do homem e do cidadão, alinhavando pontos que concorrem para uma visão integrada desse personagem da história das letras e da República de Moçambique.

Em texto apresentado em 1991, Benjamin Abdala Jr. situa o papel do “sonho diurno” na elaboração de uma poética popular. Reconhecida a força da imaginação utópica, o crítico distingue na obra do poeta moçambicano a concepção do presente como um espaço que deve ser hostil à ação “reificante da *civilização* degradada”. A partir dessas noções, Craveirinha surge associado ao angolano António Jacinto e ao brasileiro Solano Trindade, integrando-se a uma linhagem a que também pertence o cubano Guillén.

Alguns elementos que estruturam a contemporaneidade dessa poética são trazidos por Carmen Lúcia Tindó R. Secco. Dando destaque aos signos da rebeldia em seu canto, a estudiosa assinala, com vigor, os dados que atestam a incorporação de uma vertente estética a que estão ligados Alejo Carpentier, Lezama Lima e Severo Sarduy, denominada por este último “neobarroca”. Dessa forma, o autor de *Xigubo* e *Karingana ua karingana*, entre outros títulos, estabelece laços com um universo literário que supera as fronteiras da língua portuguesa.

Em “O conceito de nação em José Craveirinha, Rui Knopfli e Sérgio Vieira”, Fátima Mendonça põe em foco a ligação da poesia de José Craveirinha com a constituição do sentimento nacional. O paralelo com dois outros poetas moçambicanos evidencia as especificidades de uma poesia que nasce e se consolida atentando para o papel social da literatura num universo marcado pelo conflito.

A utopia é também o eixo buscado no texto de Francisco Noa, empenhado em ressaltar a energia utópica que se inscreve no exercício literário a que o escritor se entrega. Ao percorrer a obra do poeta, detendo-se, inclusive, em versos ausentes dos livros por ele editados, Noa revela-nos um poeta que, atento ao cotidiano, não renuncia à lucidez da invenção. Com base na leitura atenta dos versos, o crítico detecta em sua capacidade de transcender os limites do real uma marca significativa do que reconhece como sua “genialidade inconformada”.

Jorge Fernandes da Silveira oferece-nos um texto centrado, segundo o próprio, em indagações. Com sua participação, a essas páginas se integram palavras de quem viveu a responsabilidade e o privilégio de fazer parte do júri do Prêmio Camões em 1991 e contemplar o poeta. Em sua exposição, apresentada no mesmo ano, assomam questões que permitem verticalizar o sentido de um projeto poético povoado pela inquietação e pelo apuro estético. Em sua sensível argumentação, podemos perceber alguns pontos que explicam e justificam a escolha que ele ajudou a fazer.

O texto que fecha o dossiê é emblemático da trajetória de José Craveirinha na medida em que temos acesso a uma palestra proferida anos antes da independência de seu país. A dimensão que seus poemas alcançaram ainda na sociedade colonial revela que nem mesmo a segregação e outros tristes traços que caracterizavam o elitismo da vida social na capital moçambicana dos anos 50/60 conseguiram diluir a energia de seu talento. Com um olhar agudo e uma poderosa sensibilidade, Rui Baltasar, na conferência realizada e editada, em 1972, pela Associação dos Naturais de Moçambique, apresenta uma poesia e um poeta cuja qualidade seria ratificada pelos anos, como viriam comprovar as outras vozes que a essa leitura pioneira se associam para mais uma merecida homenagem ao poeta de Moçambique.

Ainda compondo o dossiê, temos uma seleção de alguns poemas de José Craveirinha. Essa breve antologia, articulada às questões críticas levantadas pelos artigos, certamente permite aprofundar o conhecimento sobre a história e a obra poética do escritor que escolhemos homenagear no presente número.

Na seção “Outros Ensaios”, mediante diferentes perspectivas de abordagem, diversos ensaístas detêm-se sobre obras literárias produzidas no

espaço que, preservando uma destacada pluralidade, não deixa de ter a língua portuguesa como elemento de ligação. No diálogo entre as duas seções, percebe-se a pertinência de uma reflexão que busca no estabelecimento de paralelos uma via para a compreensão do conjunto sem perder de vista a relevância das especificidades de cada espaço sócio-histórico-cultural atravessado pelos signos da história colonial e as variadas tentativas de superação por ela engendrada.

Benilde Justo Caniato, docente do Programa, traz-nos uma reflexão sobre a complexa rede linguística que encontramos nos países africanos que foram colonizados por Portugal. Os dados por ela levantados revelam, para além da existência de línguas crioulas, a dinâmica da língua portuguesa em contextos diferenciados. Seu texto vem confirmar, inclusive, a importância do estudo das literaturas desses países como uma forma de compreender os movimentos gerados na estrutura do idioma a partir de realidades culturais distintas.

Em “Lisboa revisitada *n’O ano da morte de Ricardo Reis*, Izabel Margato, docente e coordenadora da Cátedra Pe. Antonio Vieira de Estudos Portugueses, da PUC-RJ, mergulha no instigante romance de José Saramago. Examinando as imagens tecidas de Lisboa, procura percorrer os caminhos trilhados pelo autor para captar uma noção de utopia que “(...) realiza-se na tensão de dois tempos, num movimento de análise que põe em diálogo passado e presente.”

Maria Heloísa Martins Dias, da UNESP, vai buscar um autor pouco estudado entre nós : Ascêncio de Freitas. Escritor português, que viveu anos em Moçambique, é dono de uma obra significativa, povoada de elementos bastante relevantes na convulsionada teia de ligações que o Império cultivou. Em seu artigo, a autora privilegia o caráter mitopoético da narrativa, demorando seu olhar nas relações entre linguagem e mundo que encontra no conto selecionado algumas singularidades do trabalho desse talentoso ficcionista.

Em “Até as mãos sangrarem ... : a oscilante identidade discursiva de *O Complexo de Van Gogh*”, Mirella Márcia Longo, da Universidade Federal da Bahia, ao abordar o romance de Álvaro Manuel Machado, estabelece conexões com a escrita de David Mourão-Ferreira, identificando na construção textual fantasmas coletivos e pessoais vigorosamente enfrentados,

demonstrando que, em sua estrutura multifacetada, a narrativa pode ser vista como a biografia de uma geração.

Nas páginas finais, estão algumas resenhas, cuja seleção vem confirmar a orientação deste projeto editorial. Horácio Costa aborda *A Caverna*, um dos mais recentes títulos da destacada obra de José Saramago, enfatizando as linhas de força de sua estruturação. Aurora Bernardini trata do livro *Um baú cheio de Pessoas – Escritos sobre Fernando Pessoa*, de Antonio Tabucchi, reiterando as singularidades de uma escrita e um autor trabalhadas de maneira arguta por um leitor muito especial. A ficção de Carlos Eugênio Paz, apresentada por Marina Ruivo, leva-nos de volta aos conturbados tempos da resistência à última ditadura no Brasil. *Viagem à luta armada*, livro que, pelo expressivo testemunho de uma época, tem sido objeto de estudo de historiadores, traz-nos uma narrativa que merece a atenção dos estudos literários. A leitura de *O pensamento mestiço*, de Serge Gruzinski, feita por Hélder Garmes, assinala pontos importantes para a reflexão que envolve conceitos complexos como o hibridismo e mestiçagem, entre outros.

Figura nesse número a transcrição do texto de apresentação feita pela Profa. Dra. Helena Carvalhão Buescu (Universidade de Lisboa) da edição crítica de Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias) de Eça de Queirós, na sessão de lançamento, em Portugal, do volume cuja preparação esteve a cargo da Profa. Dra. Elza Miné (DLCV/USP) e da Profa. Dra. Neuma Cavalcanti (IEB/USP). Integrando uma coleção dirigida pelo Professor Dr. Carlos Reis (Universidade de Coimbra), que presidiu a referida sessão, o livro foi apresentado ao público em Julho de 2002 na Livraria da Biblioteca Nacional de Lisboa. Dessa forma, a Revista divulga alguns dos resultados dos vínculos estabelecidos com instituições, dentro e fora do país, pela Área de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Língua Portuguesa.

OS EDITORES

dossiê: José Craveirinha

